

DO INJUSTIÇADO AO ATROZ: AS DIVERSAS FACES DO LADRÃO NO CONTO “FELIZ ANO NOVO”, DE RUBEM FONSECA

Iara Silva de Souza¹

RESUMO: Com a representação da realidade nua e crua em seus contos, Rubem Fonseca aborda as diferentes problemáticas sociais, estabelecendo uma aproximação da oralidade e provocando efeitos significativos no leitor. Assim, o conto “Feliz ano novo” nos traz uma reflexão da imagem elaborada pelo ladrão no meio social, uma vez que é perceptível que essa a imagem se espelha bastante nos problemas socioeconômicos existentes. Dito isso, este trabalho objetiva analisar a configuração do *ethos* do sujeito ladrão, a partir das ações praticadas e discursos produzidos na obra. Propomo-nos, portanto, a desvelar as peculiaridades no que concerne à narração do autor, na qual mostra-se como um campo vasto para a observação das práticas discursivas dos personagens, sendo possível detectar e descrever como se dá a construção *ethótica* do sujeito ladrão na narrativa em questão. Para tanto, nossa base teórica está centrada em Charaudeau (2006), Amossy (2005) e Maingueneau (2001, 2002, 2005, 2006, 2008) dentre outros autores. Por meio do embasamento teórico que tivemos e a leitura do conto, passamos a identificar e classificar os fenômenos sobre os quais nos propomos, podendo assim, concluir que o *ethos* do sujeito enunciativo ladrão constrói-se a partir de um paradoxo: ora enuncia na posição de algoz, ora vítima de uma sociedade desigual e excludente.

PALAVRAS-CHAVE: Rubem Fonseca; Conto; Discurso; *Ethos*.

ABSTRACT: With the representation of naked reality in his short stories, Rubem Fonseca addresses the different social problems, establishing an oral approach and causing significant effects on the reader. Thus, the short history “Feliz ano novo” in question brings us a reflection of the image created by the thief in the social environment, since it is noticeable that this image mirrors the existing socioeconomic problems. Therefore, this work aims to analyze the configuration of the *ethos* of the thief, based on the actions practiced and discourses produced in the work. We propose, therefore, to unveil the peculiarities regarding the narration of the author, in which it appears to be a vast field for the observation of the discursive practices of the characters, making it possible to detect and describe how the *ethos* of the thief is constructed in the narrative in question. For this purpose, our theoretical basis is centered on Charaudeau (2006), Amossy (2005) and Maingueneau (2001, 2002, 2005, 2006, 2008) among other authors. Through theoretical basis obtained and by reading the story, we began to identify and classify the phenomena we proposed, thus making it possible to conclude that the *ethos* of the enunciative subject, the thief is built from a paradox: either he depicts himself as tormentor, or victim of an unequal and excluding society.

KEYWORDS: Rubem Fonseca; Story; Discourses; *Ethos*.

Introdução

A cada dia que passa temos a impressão de que a violência, a crueldade e a frieza humana estão cada vez maiores. Com isso, vivemos num mundo em que a paz se tornou utopia para a sociedade atual, já que vive assustada pela violência que reprime e amedronta o indivíduo, tornando-o refém de sua própria condição humana. Toda essa problemática social é

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista CAPES. E-mail: Iarasilva@ufpi.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3350291489920221>

objeto constante de notícias, documentários, filmes, obras literárias, dentre outros, constituindo-se, portanto, em práticas discursivas. É por esse viés que nos propomos a analisar o conto “Feliz ano novo”, do escritor brasileiro Rubem Fonseca. Obra polêmica pela sua temática e pelas características particulares da narração do autor, nisso, ela se torna um objeto privilegiado de observação da produção e disputa de sentidos na sociedade contemporânea.

Dessa forma, este trabalho objetiva analisar a configuração do *ethos* do sujeito ladrão, tendo como corpus o conto “Feliz ano novo”, de Rubem Fonseca, um dos maiores escritores da literatura contemporânea brasileira. Propomo-nos, portanto, observar e descrever como se dá a construção *ethótica* do sujeito “ladrão” na obra em questão. Para tanto, nossa base teórica está centrada em Charaudeau (2006), Amossy (2005) e Maingueneau (2001, 2002, 2005, 2006, 2008) dentre outros autores.

A metodologia utilizada partiu da escolha de um corpus devidamente sintonizado com o nosso propósito de estudo, tanto do ponto de vista temático quanto teórico. Após a leitura da obra, passamos a identificar e classificar os fenômenos sobre os quais estava assentada a nossa investigação, procedimento que nos possibilitou confirmar ou refutar as hipóteses iniciais do trabalho a respeito das imagens em jogo na narrativa. Por fim, registramos o resultado da análise e suas conclusões delineando uma pesquisa qualitativa e interpretativa.

***Ethos* discursivo e sua proposta para além da perspectiva retórica**

Indo além do olhar do *ethos* retórico, que por sua vez é constituído por características essenciais para convencer o público, ou seja, baseado em elementos conversacionais, partiremos para a discussão dos estudos da linguagem dos dias atuais, nos quais há uma retomada dos conceitos de Aristóteles para uma abordagem inovadora do que se refere a *ethos*. Maingueneau, o pioneiro na associação do *ethos* no campo da análise discursiva, traz à tona a proposta de um novo conceito de *ethos*, no qual entram textos escritos, constituídos de elementos que enveredam pelo âmbito discursivo, expandindo o conceito de *ethos* da perspectiva Aristotélica. Na análise do discurso, são analisados tantos aspectos linguísticos quanto discursivos, com isso, segundo Maingueneau (1997, p. 46), “[...] a Retórica antiga organizava-se em torno da palavra viva e integrava conseqüentemente, à sua reflexão, o aspecto físico do orador, seus gestos, bem como sua entonação”. No *ethos* aristotélico, a imagem se constrói no momento da enunciação. Maingueneau esclarece, no entanto, que "O *ethos* está

crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale”.

A isso também estão atrelados os estereótipos, através dos quais o coenunciador utiliza-se de representações culturais fixas, de modelos pré-construídos para atribuir características ao enunciador. Em suma, ainda de acordo com o autor, há a concepção de que o *ethos* não está ancorado somente no âmbito vocal, mas também, a todas as propriedades físicas e psíquicas, atreladas às representações coletivas à personagem do enunciador. Assim, o *ethos* compreende um caráter e uma corporalidade: “O "caráter" corresponde a uma gama de traços psicológicos. Já a “corporalidade” corresponde a uma compleição, mas também a uma maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social. ” (MAINGUENEAU, 2002, p.98). A partir disso, o *ethos* ao se dividir nesses dois componentes, acaba por fazer emergir um regimento do corpo imbricado ao comportamento global:

O caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre os quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las. Esses estereótipos culturais circulam nos domínios mais diversos: literatura, fotos, cinema; publicidade etc. (MAINGUENEAU, 2002, p. 99).

Maingueneau (2005, p.69) expõe a concepção de *ethos* como uma manifestação de uma voz (tom) juntamente com um corpo enunciante, que se forma no processo de incorporação. Todo discurso possui uma vocalidade própria, ou seja, uma voz específica, por meio da qual fará surgir o corpo do enunciador, ou seja, aquele que participa da interação enunciativa. Com isso, todo e qualquer discurso é proveniente de enunciados, no qual a garantia do dizer é originada pelo campo subjetivo e encarnado que se faz o papel de fiador, existindo uma possibilidade de atribuir variadas características ao enunciador.

A construção do *ethos* do ladrão, também pode ser composta por um jogo de credibilidade e de identificação de acordo com a proposta de Patrick Charaudeau, abordada no seu livro *Discurso político*, publicado em 2006. Na obra, vemos a importância de ambos para a construção do *ethos* dos ladrões no decorrer do conto. Entende-se por *ethé* de credibilidade a formulação da imagem de si, que é julgada por terceiros se deve ser digno de credibilidade ou não. Consoante Charaudeau:

De maneira geral, um indivíduo pode ser julgado digno de crédito se houver condições de verificar que aquilo que ele diz corresponde sempre ao que ele pensa (condição de sinceridade ou transparência, que ele tem os meios de pôr em prática o que anuncia ou promete (condição de performance), e que o que

ele anuncia e aplica é seguido de efeito (condição de eficácia) (CHARAUDEAU, 2006, p. 119).

Charaudeau tece alguns tipos de *ethos* de credibilidade em que ele explana o *ethos* de “sério”, “virtude” e “competência”. Esses tipos de *ethé* estão intrinsecamente ligados à razão. O *ethos* de sério está ligado às expressões do corpo, pouco riso ou distração, assim, sempre firme nas atitudes e no que diz. O *ethos* de virtuoso se caracteriza pela lealdade e honestidade pessoal, na qual há uma imagem de si transparente. O de competência exige total habilidade ao desenvolver certa atividade, provando assim, que detém conhecimento e experiência em determinada ocasião.

Já os *ethé* de identificação são constituídos pelos *ethé* de “potência”, “caráter”, “inteligência”, “humanidade”, “chefe”, e “solidariedade”, nos quais esses tipos de *ethé* estão relacionados à emoção. De acordo com Charaudeau (2006), o leitor irá se identificar com o discurso proferido através “de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais, tudo relacionado às expectativas vagas dos cidadãos, por meio de imaginários que atribuem valores positivos e negativos a essas maneiras de ser” (CHARAUDEAU, 2006, p.137).

A encarnação do *ethos* como constituinte do discurso literário

Partindo para essa elaboração de imagens no âmbito do discurso literário, é notável que a concepção de encarnação é participante da construção *ethótica*, uma vez que é através do tom que o *ethos* irá se transportar além do âmbito verbal, assim, adentrando em determinações físicas e psíquicas. Cada *ethos* corporificado é inerente à uma “cenografia” na qual ela será responsável por determinar uma postura a ser tomada. A encarnação do *ethos* é abordada por Maingueneau (2008), nesse viés, ele expõe o processo de incorporação e suas etapas:

[...] – a enunciação da obra confere uma “corporalidade” ao fiador, ela lhe dá corpo; – o destinatário incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se remeter ao mundo habitando seu próprio corpo; – essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso. (MAINGUENEAU, 2008, p.18).

Dito isso, é notável que essa corporificação gera estereótipos, que podem ser julgados de diferentes formas nas quais o destinatário a detecta, sendo capaz de apoiar-se em um “conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente(...)”. De fato, o

fiador implica ele mesmo um “mundo ético” do qual ele é parte prenante e ao qual ele dá acesso. ” (MAINGUENEAU, 2008, p.18). Esses estereótipos são ligados a comportamentos, assim, depreende-se o “mundo ético”. Nessa pesquisa veremos o mundo ético dos ladrões, que são envoltos por inúmeros estereótipos que a sociedade rotula. Em suma, essa encarnação vai depender de como o destinatário se apropria desse *ethos*.

Com uma pausa na discussão dessas representações da encarnação *ethótica* de um determinado fiador, é que vamos adentrar na relação dessas representações no campo da obra literária, nas quais a literatura “encarna”, por meio da sua enunciação, aquilo que ela evoca. Sabemos que a literatura é encarregada de vários elementos que contribuem para uma representação da realidade, principalmente na literatura contemporânea, que nos dá uma ideia de “ultra realidade”, uma tentativa de extrema fidelidade à realidade que estamos imersos. A obra de arte, como a literatura, é responsável pela expressão da sociedade, uma via de voz, de reconhecimento das problemáticas.

Tomando o viés discursivo, a análise do discurso literário é considerada como uma vertente analítica ainda pouco explorada. Maingueneau (2006) concebe o discurso literário como um tipo discursivo como são por exemplo, o discurso político, o discurso filosófico, o discurso religioso, etc. A análise do discurso com suas ferramentas linguísticas possibilita uma melhor compreensão e interpretação de obras no âmbito literário, assim

As teorias da enunciação linguística, as múltiplas correntes da pragmática e da análise do discurso, o desenvolvimento do campo literário de trabalhos que recorrem a Bakhtin, à retórica da recepção, à teoria da recepção, à intertextualidade, à sócio crítica etc., impôs progressivamente uma nova apreensão de fato literário no qual o dito e o dizer, o texto e o contexto são indissociáveis (MAINGUENEAU, 2006, p.7).

A partir das ferramentas discursivas e de elementos linguísticos que colaboram para uma “exteriorização” e “ampliação” da interpretação do texto literário, o contexto histórico social retratado na obra nunca pode ser desassociado da mesma, pois todos esses elementos estão inteiramente imbricados.

Com o exposto acima, torna-se explícita a importância do posicionamento do sujeito perante certas enunciações, o que foi posto pode significar muito além, dependendo de suas condições enunciativas ou seja, um dizer atravessa o dito. Além desses elementos constituintes do *ethos* no âmbito da enunciação, temos o vínculo à cena de enunciação. Essas cenas projetam uma identificação dos sujeitos participantes do discurso, atribuindo um lugar social, um espaço e um momento.

Estereótipos como meios de identificação do ser social

Iniciaremos este item com a abordagem da imagem de si do locutor, em que Charaudeau e Maingueneau afirmam que

Cada gênero de discurso comporta uma distribuição pré-estabelecida de papéis que determina em parte a imagem de si do locutor. Esse pode, entretanto, escolher mais ou menos livremente sua “cenografia” ou cenário familiar que lhe dita sua postura (o pai benevolente face a seus filhos, o homem de falar rude e franco etc.). A imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipos, um arsenal de representações coletivas que determinam, parcialmente, a apresentação de si e sua eficácia em uma determinada cultura.” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 221).

Como já mencionado anteriormente nesse trabalho, a imagem de si é fruto da imagem que o locutor projeta de si mesmo em relação ao interlocutor. Essa imagem de si corresponde à representação de si no momento em que o enunciador profere um enunciado e como o público elabora tal imagem do locutor. Dito isso, vamos abordar o conceito estereótipos, que é inerente ao processo de elaboração da imagem de si dos enunciadores. Têm-se estereótipos como representações cristalizadas e partilhadas no âmbito social, em relação a qualquer ação comunicativa.

O uso de estereótipos no meio social é ligado ao convívio e relação humana, assim sendo, um processo involuntário e natural. Partindo para o campo da psicologia social, Lysardo-Dias (2006, p.26) diz que o estereótipo “é associado às representações sociais, pois se trata da imagem que os membros do grupo fazem de si próprios e dos outros membros”. Dessa maneira, sendo os estereótipos têm um caráter interacional, ligado às representações sociais e identidades sociodiscursivas. No que diz respeito ao ato de “estereotipar”, Amossy (2005) defende que

É a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica. Se se tratar de uma personalidade conhecida, ele será percebido por meio da imagem pública forjada pelas mídias. (AMOSSY, 2005, p. 125).

Em suma, o uso do estereótipo é de caráter representativo social, no qual há saberes compartilhados e tomados como significação coletiva, e que permite um redirecionamento de significações emanados pelo enunciador. A partir disso, depreendemos a ideia que o leitor ao iniciar a leitura do conto proposto, ele já imagina e estereotipa o universo sociocultural e simbólico que permeia a obra, ou seja, pelas pistas do texto, pode-se elaborar um conceito

imagético do contexto que o indivíduo está inserido e do próprio indivíduo em si. Tudo isso se dá, como já mencionado anteriormente, pelas escolhas das palavras, o modo de como os ladrões se comportam no meio que se encontram, a revelação de seu ambiente cultural, por fim, esses elementos abrem as portas para a identificação dos estereótipos constituintes dos personagens.

Na perspectiva da escolha das palavras no momento da enunciação dos personagens, o léxico do corpus selecionado se caracteriza pela linguagem informal e pejorativa, muitas vezes revelando a intimidade entre os bandidos, e o contexto situacional, deixando visível a dinamicidade da fala, característica dos sujeitos suburbanos que vivem nas margens do Rio de Janeiro. No que diz respeito à representação social a partir da linguagem na obra fonsequiana, Hellen Góis (2016), em sua dissertação de mestrado, assevera que

[...] há uma tentativa da língua em se equilibrar entre o modelo ideal, padrão e um uso efetivo, que reflete as características de um grupo social, por exemplo[...]. Para isso, além do socioleto, como apontamos a narrativa fonsequiana adota também termos que são taxados de palavrões para tratar de temáticas do submundo carioca [...] (GOIS, 2016, p. 59).

A escolha lexical revela o mundo dos personagens, criando um estereótipo para o ladrão, ou seja, acaba-se elaborando uma imagem no senso comum. Em suma, essa imagem estereotipada do ladrão irá emergir do modo de enunciar.

Um leque imagético acerca do ladrão: uma proposta de análise

O conto “Feliz ano novo” tem três personagens principais: o narrador personagem, Pereba e Zequinha. Numa véspera de ano novo, eles combinam um roubo em alguma residência na parte nobre da cidade, assim, ao anoitecer, eles roubam um carro e saem rodando pela cidade até encontrar seu objetivo, um alvo, por fim, encontram. Na festa de ano novo que está sendo realizada no local, eles cometem atos cruéis de cunho criminoso, e até cômicos, por fim, após essa noite longa, voltam para casa e brindam o ano novo. Logo fica perceptível que as maneiras de ser e de se apresentar no discurso revelam a imagem que os personagens Pereba, Zequinha e o narrador personagem fazem de si. Seguindo esse prisma, retomamos o que foi exposto por Maingueneau (2001b) a respeito da importância da palavra como elemento crucial na constituição do *ethos* do orador, no qual ele busca mostrar essa imagem a partir do momento que profere um enunciado e de como ele se vale das palavras utilizadas por ele, usando sua forma de expressão como um campo vasto de significação para o leitor.

O conto selecionado para o presente trabalho, nos mostra os três personagens que tratam a prática de assalto como uma atividade dentro dos parâmetros de normalidade, mostrando o descaso com as leis que regem o meio social. Inseridos em condições precárias, num âmbito de miséria e pobreza, o narrador e os outros personagens vivem em um apartamento no da Zona Sul, no Rio de Janeiro, levando a vida às margens da sociedade. Os ladrões que são representados no conto, distinguidos pelas suas condições econômicas, se excluem da parte “opressora” da sociedade, que no caso, são as pessoas de classe econômica mais elevada. Ainda seguindo essa ótica de mundo marginalizado, Vera Follain de Figueiredo complementa o sentido do que foi dito acima, deixando em evidência o uso que Fonseca faz dessas problemáticas no conto “Feliz ano novo”, nos mostrando o quão essa dicotomia social de rico e pobre é comum na nossa sociedade:

O marginalizado torna-se, muitas vezes, um assalariado do crime, servindo ao empresário que não quer sujar as mãos. Por outro lado, o mecanismo de exclusão existente, na cidade, gera um tipo de população que circula por todos os espaços, exatamente porque não tem, de fato, nenhum espaço. Os excluídos buscam a zona sul para fazer cobranças, assaltando e matando. Vivem pelas ruas ou em núcleos de pobreza infiltrados nos bairros ricos edifícios como aquele onde moravam os assaltantes do conto “Feliz ano novo” ou favelas. (FIGUEIREDO, 1996, p. 89).

Não mais distante, depreendemos outra prova do *ethos* do narrador personagem, no qual ele demonstra insatisfação quando ele se autointitula “fodido”, ou seja, ele se declara pobre, e tem o anseio de mudar de vida: “Eu queria ser rico, sair da merda em que estava metido! Tanta gente rica e eu fodido.” (FONSECA, 2004, p.187). Vemos que o narrador personagem se encontra em uma situação desagradável, segundo ele, estaria metido na “merda”, enquanto outros não estão. Dessa forma, ele reflete sobre sua real condição enquanto indivíduo injustiçado no âmbito socioeconômico.

Como acordado, abordaremos as situações de *ethos*, nos baseando nas pistas que os personagens nos oferecem no momento da enunciação, construindo a imagem de si através das suas ações, uma análise voltada para o âmbito imagético:

Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no réveillon. Vi também que as casas de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque. Pereba, vou ter que esperar o dia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos macumbeiros. (FONSECA, 2004, p.186).

O trecho acima é revestido de ações um tanto dignas da surpresa do leitor, de início, o narrador personagem se mostra um bom observador do movimento capitalista que norteia

aquele alvoroço de fim de ano, assim, sendo um telespectador de todo aquele fervor das pessoas ricas nos preparativos da data festiva. Após isso, percebemos uma imagem de si, de despreocupado com uma alimentação de qualidade e com a procedência dos alimentos que encontra, já que ele se submete a comer restos de macumba. Nessa perspectiva, vemos que o personagem passa por grandes dificuldades na tentativa de suprir suas necessidades.

Depreendemos também, em outro trecho, o *ethos* mostrado do narrador personagem, como um *ethos* violento. No fragmento, percebemos uma forte presença de violência, que acaba se tornando um círculo vicioso, uma banalização da vida humana, passando a imagem que o personagem tem uma frieza exacerbada, seguido de um descaso e crueldade com a vítima:

Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone. (FONSECA, 2004, p.192).

O ato de observar calmamente e de descrever com todos os detalhes como ele cometeu o assassinato nos possibilita a elaboração da constituição de um *ethos* frio e cruel, tudo isso, a partir das ações mostradas pelo enunciador. Ao expor esses *ethé*, retomamos o que Charaudeau (2001) considera sobre os atos de linguagem, que são provenientes de ações dos seres, nos quais são conscientes ou não das práticas sociais juntamente com as representações da comunidade na qual estão inseridos, assim sendo, os ladrões com suas práticas no meio social, acabam corroborando para a construção *ethótica* deles. Muitas vezes no conto temos um *ethos* involuntário, no qual ele não depende somente dos ladrões para se constituir, mas sim de como o interlocutor processa toda a construção da imagem dos personagens, e de como atribui significados ao *ethos* do locutor no contexto em que estão inseridos.

Indo para esse viés de relação entre locutor e interlocutor que começaremos a nossa análise a respeito da obtenção do *ethos* a partir do texto literário, enveredando pelos caminhos da vocalidade dos personagens, na qual cada protagonista tem um tom específico em que se divide em dois elementos: corpo e caráter. O narrador personagem, Pereba e Zequinha são os fiadores, pois são encarregados de proferirem enunciados que constitui a narrativa. Embasados nesses fundamentos, procederemos às seguintes análises: “Pereba, você não tem dentes, é vesgo, preto e pobre, você acha que as madames vão dar pra você” (FONSECA, 2004, p.187). É possível ter uma elaboração imagética do personagem Pereba, como um indivíduo de uma condição econômica desfavorecida e desprovido de beleza, logo, ele seria incapaz de ter relações sexuais com alguma mulher, devido à sua condição.

Essa concepção *ethótica* de Pereba, nos comprova que ele é um sujeito marcado por traços sociais, ideológicos e estéticos, de acordo com a voz contida no texto, na qual veicula uma forma do sujeito discursivo de apresentar-se no mundo. Em suma, o coenunciador ao se deparar com inúmeras marcas psíquicas e físicas dos personagens, entra no jogo de interação entre ele e o enunciador, corroborando para o êxito da estratégia de incorporação do *ethos*. Vejamos outro exemplo:

Zequinha pegou a magnum. Jóia, jóia, ele disse. Depois segurou a doze, colocou a culatra no ombro e disse: ainda dou um tiro com esta belezinha nos peitos de um tira, bem de perto, sabe como é, pra jogar o puto de costas na parede e deixar ele pregado lá. (FONSECA, 2004, p.188).

No fragmento selecionado, Zequinha, o fiador, mostra um caráter e uma corporalidade que remete a um *ethos* violento, como já foi mencionado em outro recorte com um personagem distinto. Depreendemos essa denominação a partir de recursos linguísticos, em que a voz do fiador aponta para sua índole criminoso e fria, perfazendo um estereótipo que circula a sociedade a respeito dos ladrões e suas práticas violentas. Ao dizer “Ainda dou um tiro com esta belezinha nos peitos de um tira”, o fiador incorpora uma representação de que os ladrões anseiam pelo embate violento com policiais, no qual eles enxergam os policiais, “tiras” como chamam, “alvo” de suas miras, assim, embates são providos de uma imensa crueldade e desvalorização da vida humana. A partir do que foi analisado acima, vimos que no momento que o campo da linguagem é utilizado por parte dos fiadores, imediatamente é mostrado um *ethos* correspondente a eles, sujeitos enunciadores. Arelados de um corpo e caráter, os personagens ladrões transformam o conto em um texto escrito vivo, e com uma forte carga significativa para os leitores do conto.

Partindo para a análise das imagens de credibilidade, depreendemos alguns tipos de *ethé* classificados por Charaudeau, como também outros *ethé* que identificamos a partir de nossa própria classificação, como os de “cruel”, “frio”, “injustiçado”, “calculista” e “vingativo”. Assim, na classificação proposta por Charaudeau no âmbito dos *ethé* de credibilidade, notamos o *ethos* de “sério” por parte do narrador personagem, pois muitas vezes ele demonstra seriedade, dificilmente se emociona com algo, sempre focado no que faz e constantemente frio. Vejamos: “Não sei se dá, nem tenho peito de perguntar. Pra cima de mim nunca veio com frescuras. Você já viu ele com mulher?, disse Zequinha. Não, nunca vi. Sei lá, pode ser verdade, mas que importa?” (FONSECA, 2004, p. 189).

Em outro trecho, vemos o narrador personagem irritar-se depois de Pereba perguntar onde ele havia roubado a TV, transparecendo mais uma vez, um *ethos* sério, e que não guarda frutos de roubo em sua residência: “Onde você afanou a TV?, Pereba perguntou. Afanei porra nenhuma. Comprei. O recibo está bem em cima dela. Ô Pereba! você pensa que eu sou algum babaquara para ter coisa estarrada no meu cafofo?” (FONSECA, 2004, p.186). No que concerne o *ethos* de calculista, depreendemos que se trata de um tipo de *ethos* de credibilidade, já que indivíduo irá utilizar seu raciocínio para manejar certa situação, seguindo um viés racional.

No *corpus*, temos a conspiração da morte dos policiais pelo personagem Zequinha, ele anseia deixar um policial fixado na parede com o impacto do tiro em seu peito, imaginando toda situação: “ainda dou um tiro com esta belezinha nos peitos de um tira, bem de perto, sabe como é, pra jogar o puto de costas na parede e deixar ele pregado lá.” (FONSECA, 2004, p. 188). Depreendemos outra prova do *ethos* calculista do narrador personagem, em que se faz presente a descrição minuciosa e calculista do lugar perfeito para realizar o assalto. Ele estava à procura de uma casa isolada, afastada da rua, sem nenhum movimento de pessoas. Com isso, o ladrão desenvolve um pensamento arquitetado, elaborando assim, seu *ethos* calculista: Passamos várias casas que não davam pé, ou tavam muito perto da rua ou tinham gente demais. Até que achamos o lugar perfeito. Tinha na frente um jardim grande e a casa ficava lá no fundo, isolada. (FONSECA, 2004, p. 190).

No que se refere à configuração *ethótica* de identificação, na análise realizada encontramos o *ethos* frio e cruel, que por sua vez, são ligados à emoção. Como já foi dito, a vida humana no conto, é um objeto de desvalorização, tiramos pelas cenas de assassinatos consecutivos que existe na narrativa em questão. Atos frios e dignos de medo e pavor tomam conta do desenvolvimento do conto, comprovando mais uma vez que eles tornam fútil o que temos de mais valioso: a vida. O narrador personagem e Zequinha por muitas vezes apresentam o *ethos* de frio:

Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone. Viu, não grudou o cara na parede, porra nenhuma. Tem que ser na madeira, numa porta. Parede não dá, Zequinha disse. (FONSECA, 2004, p. 192).

Como já foi posto, observamos uma certa disputa, como se fosse uma vantagem deixar o cadáver da vítima grudado na parede após um tiro, para eles isso era motivo de comemoração. A banalização da cena remonta novamente um *ethos* frio e cruel, toda a descrição minuciosa, a

forma de comparar o orifício feito pelo tiro com um local que cabe um panetone e a indignação do personagem Zequinha ao ver que os cadáveres não grudaram na parede, só confirma essa conclusão. Além de tudo isso, no conto os ladrões tratam a prática de assalto como uma atividade dentro dos parâmetros de normalidade, encaram até como uma disputa, quem vai praticá-lo pela primeira vez no ano, mostrando assim, mais um exemplo de descaso com certas leis que regem o meio social: “Vamos estourar um banco na penha. O Lambreta quer fazer o primeiro gol do ano.”, “Ele é um cara vaidoso, disse Zequinha.” (FONSECA, 2004, p.189).

Abordando o *ethos* de injustiçado, que também está encaixado na configuração de *ethos* de identificação, temos que essa injustiça para com os assaltantes é ocasionada pela forte representação da ideologia no meio midiático, a violência dos personagens é como uma forma de sobrevivência de necessidades fundamentais, já que não conseguem atingir o que lhe é posto nos meios midiáticos. Desse modo, eles tentam superar a desigualdade econômica utilizando-se de artifícios cruéis e violentos: “Eu queria ser rico, sair da merda em que eu estava metido! Tanta gente rica e eu fodido.” (FONSECA, 2004, p. 187). Vemos em certos fragmentos, a ideia de que o mundo dos indivíduos que praticam atos criminosos é puramente distinto das demais classes, sendo assim, tudo se resolve com práticas violentas e cruéis, como se tais ações fossem a resolução de todos os problemas que lhe afetam.

O *ethos* de vingativo, correspondente a um *ethos* de identificação, é resultado da injustiça sofrida pelos marginais, o narrador personagem reflete sobre a violência dos policiais para com seus conhecidos: “Os homens não tão brincando, viu o que fizeram com o Bom Crioulo? Dezesseis tiros no quengo. [...] Estrangularam o Vevé” “Pegaram o Minhoca e jogaram dentro do Guandu, todo arreventado.” (FONSECA, 2004, p.187). A partir disso, percebemos então, uma raiva que se transforma em um anseio de vingança: “Depois de amanhã vocês vão ver. [...] Só tô esperando o lambreta chegar de São Paulo.” (FONSECA, 2004, p. 188). Dito isso, vemos que o personagem já planeja sua vingança para aqueles que têm uma classe econômica favorecida, logo, as atrocidades cometidas aos que detêm capital é uma espécie de revanche daqueles que não o têm.

Começando a discussão dos estereótipos, que porventura se encontram atrelados à imagem de si, abordaremos a visão de Procópio (2008) no tocante dos estereótipos, os quais ela considera estereótipos como constituintes de “um modo de conhecimento da realidade e de identidade social”. A partir dessa consideração feita, percebe-se que o leitor tem a função de identificar os personagens, a cultura e a situação socioeconômica em que estão envolvidos. Ou

seja, o leitor é capaz de identificar os estereótipos usados para a construção da imagem dos enunciadores. Como já mencionado aqui antes, os marginais retratados no conto, vivem no subúrbio do Rio, cidade marcada pela sua divisão de classes socioeconômicas. A narrativa estudada nesse trabalho, traz nitidamente essa problemática, na qual o texto é marcado pela forte carga estereotípica que ele traz ao deixar em evidência as duas perspectivas que de vez em outra é inserido no conto de forma brusca: a luta constante de rico x pobre.

A imagem que cada personagem faz de si mesmo serve de apoio para a elaboração de estereótipos, revelando a sua condição econômica enquanto sujeito e sua indignação para com os demais que possuem um poder aquisitivo maior. Na leitura do conto, é perceptível a comparação que os personagens ladrões fazem a respeito da situação em que estão, com a condição favorável que os “bacanas” têm:

Então, de repente, um deles disse, calmamente, não se irrite, levem o que quiserem, não faremos nada. Fiquei olhando para ele. Usava um lenço de seda colorida em volta do pescoço. Podem também comer e beber à vontade, ele disse. Filha da puta. As bebidas, as comidas, as joias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro. (FONSECA, 2004, p. 191).

O narrador personagem faz uma reflexão da condição econômica de um convidado da festa, referindo-se ao mesmo com um palavrão, alegando que toda aquela riqueza que estava visível no momento era apenas “migalha”, que não era nada para os que estavam presentes na festa, e que tinham muito mais bens no banco. No final do seu discurso, ele acaba por mostrar uma suposta comparação, que na concepção dele, os ricos fazem da classe baixa. Segundo ele, os ricos veem as pessoas de classe social desfavorecida como simples moscas no açucareiro. Trazendo isso para a análise da problemática social que é retratada no conto, depreende-se que os pobres vivem rondando toda aquela riqueza, sem poder ter uma participação direta a tudo aquilo, ou seja, sempre vivendo às margens da sociedade, na miséria, sendo telespectadores do sucesso da classe alta.

Observa-se a representação que o narrador faz ao tratar a imagem de si como marginal. Além disso ele elabora a imagem dos ricos como seres que vivem submersos na fartura, enquanto eles permanecem na miséria: “Tanta gente rica e eu fodido” (FONSECA, 2004, p. 187). Em um outro trecho, o narrador personagem deixa à mostra a situação de miséria em que estão submetidos, transparecendo, assim, que toda a classe marginalizada está submetida às precárias condições de alimentação e moradia, perfazendo assim estereótipos que caracterizam tal classe: “Pereba, vou ter que esperar o dia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos

macumbeiros. Pereba entrou no banheiro e disse, que fedor. Vai mijar noutra lugar, tô sem água. Pereba saiu e foi mijar na escada.” (FONSECA, 2004, p.186).

No momento do assalto, ele descreve como é o quarto da dona da casa A exaltação das características físicas de uma das convidadas e toda a descrição do ambiente que ela se encontra, demarca a imagem que o meliante faz da classe alta, ou seja, ele permite o processo de estereotipagem, havendo uma significação emanada pelo personagem:

[...] toda penteada, aquele cabelão armado, pintado de louro, de roupa nova, rosto encarquilhado, esperando o Ano-novo [...] O quarto da gordinha tinha as paredes forradas de couro. A banheira era um buraco quadrado grande de mármore branco, enfiado no chão. A parede toda de espelhos. Tudo perfumado. Voltei para o quarto, empurrei a gordinha para o chão, arrumei a colcha de cetim da cama com cuidado, ela ficou lisinha, brilhando. (FONSECA, 2004, p.191).

No trecho, é de fácil percepção a discrepância entre o mundo do grupo assaltante e o mundo do grupo assaltado, pela linguagem, gírias que os ladrões usam na narrativa, suas respectivas moradias, como eles se referem ao grupo dos assaltados revelando assim, todo o seu contexto situacional, o seu apagamento perante a sociedade, camuflando-se em favelas e lugares que põem em prova a dignidade humana. Esses elementos citados acima, são estereótipos que podem ser identificados pelo leitor.

Enveredando pelo caminho da análise dos imaginários sociodiscursivos, vemos que a construção dos *ethé* dos personagens do conto implica o estudo de seus espaços socioculturais, juntamente com os aspectos discursivos no qual a narrativa está inserida, ou seja, no âmbito urbano. Rubem Fonseca ao criar os personagens da narrativa, injeta valores e comportamentos que, no conhecimento do autor, são pertencentes ao mundo urbano e marginal, projetando, dessa forma, uma imagem coletiva do sujeito ladrão, embasado em imaginários sociodiscursivos que ele idealiza. Fazendo uma análise discursiva desses personagens na perspectiva abordada acima, notamos que Rubem elabora a imagem dos ladrões como seres extremamente violentos, especificamente com as mulheres, na qual eles estupram e agridem fisicamente e verbalmente: “Pra que ficou de flozô e não deu logo? O Pereba tava atrasado. Além de fodida, mal paga.” (FONSECA, 2004, p. 190).

O personagem Zequinha demonstra ser bastante agressivo, apesar do narrador personagem lhe atribuir características que diverge um pouco desse *ethos*: “Ele falava devagar, gozador, cansado, doente.” (FONSECA, 2004, p. 187). No desenvolver do conto, Zequinha toma atitudes agressivas e acaba por estuprar uma mulher. Assim é perceptível como o autor

Rubem Fonseca formula um imaginário de virilidade e machismo por parte dos ladrões na narrativa:

Acho que vou papar aquela moreninha. A garota tentou atrapalhar, mas Zequinha deu uns murros nos cornos dela, ela sossegou e ficou quieta, de olhos abertos, olhando para o teto, enquanto era executada no sofá. (FONSECA, 2004, p. 192).

Rubem Fonseca aborda a imagem do ladrão também como um ser pertencente à camada inferior da sociedade, no qual esse indivíduo só observa todas as comemorações da elite, sem uma participação direta de toda a comemoração. O ato de assistir à televisão e comentar tudo que passa no universo dos ricos, mostra para o leitor esse desnivelamento social, assim, sendo possível perceber o imaginário sociodiscursivo que Rubem se baseia para elaborar tais imagens representativas: “Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no réveillon. Vi também que as casas de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque.” (FONSECA, 2004, p. 186). Com o que foi confirmado, é notável que os personagens se valerão de argumentos para elaborar sua imagem no discurso.

Considerações finais

Por meio da breve discussão aqui apresentada, é permitido concluir que o conto analisado, constituído de uma narrativa breve e direta, é palco para infinitas possibilidades para a criação de personagens e suas ações. Dessa forma, notamos que a incorporação dos personagens corrobora para orientar a ação do *ethos* e de vários estereótipos sobre o coenunciador. Como já foi abordado no aporte teórico, o coenunciador irá assimilar um conjunto de características que definem um sujeito em específico pela forma que ele se inscreve no mundo, portanto, os fiadores, que no caso são os personagens da narrativa, apresentam-se no mundo de variadas formas. A exemplo do que foi dito, o *ethos* do sujeito enunciador ladrão constitui-se a partir de uma relação paradoxal: ora enuncia na posição de algoz, ora vítima de uma sociedade desigual e excludente, uma vez que essa construção de imagens de si implica levar em conta o seu contexto sociocultural e elementos discursivos.

O campo de linguagem utilizado, a cenografia e o modo que a narrativa é construída, proporciona um ótimo meio para os fiadores perfazerem os seus *ethé* correspondentes. Partindo pelo modo que o autor Rubem Fonseca aborda a imagem do ladrão no meio social, concluímos que o ladrão é concebido como um ser humano puramente violento e sem escrúpulos, levando

uma vida às margens da sociedade, a partir desses desmascaramentos que teremos as reais representações de si no âmbito social, ou seja, a partir das ações praticadas e discursos produzidos na obra, que teremos o indivíduo quanto sujeito enunciativo, assim abordaremos a construção da imagem de si no viés discursivo.

Rubem ao se apropriar do discurso literário, acaba legitimando-o por meio da sua narrativa, na qual a produção contemporânea desempenha um papel importante na sociedade atual, visto que o autor irá adornar os personagens com valores e comportamentos, que são característicos do mundo urbano e marginal, elaborando, dessa forma, uma imagem coletiva do sujeito ladrão. Nisso, os imaginários sociodiscursivos vão estar ancorados nos saberes de crença emanados de uma enunciação típica dos marginais, com temática relacionada, por exemplo, à macumba, às festas de réveillon da elite e ao dia-a-dia daqueles que perambulam pela sarjeta. Em suma, vemos que esse conto, que se constitui por meio da literatura contemporânea, é marcado pela forte representação da violência por parte dos ladrões e dos problemas socioeconômicos, assim, deixando visível uma parte dos problemas que a sociedade enfrenta.

REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, Patrick. O *ethos*, uma estratégia do discurso político. *Discurso Político*. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo et al. (Org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Tradução de Ida Lúcia Machado, Renato de Mello e Williane Viriato Rolim. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do discurso, FALE/ UFMG, 2001.
- FIGUEIREDO, Vera Follain de. *A cidade e a geografia do crime na ficção de Rubem Fonseca*. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 1, p. 88-93, dec. 1996. ISSN 2237-1184. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/684>>. Acesso em: 04 June 2018.
- FONSECA, Rubem. *64 contos de Rubem Fonseca*. 6. Ed. São paulo: companhia das letras, 2004.
- LYSARDO-DIAS, D. O discurso do estereótipo na mídia. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I.L.; MENEZES, W. (Orgs) *Análise do Discurso: Gêneros, Comunicação e Sociedade*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- MAINGUENAU, Dominique. O discurso literário contra a literatura. In: MELLO, Renato de. *Análise do discurso e literatura*. Tradução de Renato de Mello e Renata Aiala de Mello. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. *O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento*. Dissertação. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

Artigo recebido em março de 2020.

Artigo aceito em abril de 2020.